

COMO A CRÍTICA LITERÁRIA INFLUENCIOU NA MARGINALIZAÇÃO DA FIGURA DE GILKA MACHADO

Jamyle Hassan Rkain (IC) e Mirtes de Moraes (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo

Este artigo tem como finalidade investigar a marginalização histórica da poeta Gilka Machado (1893-1980). A hipótese colocada é de que a crueldade da crítica literária, ao não tentar compreendê-la e colocá-la como “imoral”, foi o fator crucial para que a poeta caísse no esquecimento. Gilka foi a primeira mulher a trabalhar a poesia erótica no Brasil, reunindo, assim, uma série de opositores sustentados no conservadorismo. Foram levantadas informações através de leitura de livros e artigos que abordam o tema. A realização de entrevistas com especialistas e com o neto da autora serviu para sanar algumas dúvidas. O trabalho buscou ressaltar o conteúdo das críticas lançadas a ela e como elas influenciaram em sua vida. Além disso, o trabalho dá enfoque às formas de opressão às quais Gilka foi submetida, tendo que encarar o machismo e o racismo da sociedade brasileira do início do século XX. Assim, contatou-se a hipótese levantada, trazendo à tona também a opinião da própria autora sobre isso, que resistiu durante muito tempo às críticas que lhe foram lançadas. Tendo como base a ideia de que esse gênero jornalístico é persuasivo, percebeu-se como opiniões preconceituosas e unilaterais podem influenciar na imagem de uma pessoa tão importante como foi Gilka, assim como a fácil naturalização desses preconceitos.

Palavras-chave: Mulher; crítica literária; marginalização

Abstract

This article aims to investigate the historical marginalization of poet Gilka Machado (1893-1980). The placed hypothesis is that the cruelty of literary criticism, in not trying to understand her and putting her as "immoral", was the crucial factor for the poet fell into oblivion. Gilka was the first woman to work the erotic poetry in Brazil, bringging a number of opponents supported by conservatism. The informations of this article was raised through reading books and articles based on the topic. The interviews with experts and the grandson of the author served to clarify some doubts. The study sought to highlight the content of the criticism and how they influenced her life. Moreover, the work focuses on forms of oppression which Gilka was submitted, having to face the sexism and racism of the Brazilian society of the early twentieth century. Thus, the hypothesis was verified, bringing to light also the opinion of the author herself about it, which resisted for a long time the criticisms that have been launched. Based on the idea that this journalistic gender is very persuasive, it was perceived how biased

and unilateral opinions can influence the image of a person as important as it was Gilka, as well as how it is easy to naturalize prejudices

Keywords: Woman; literary criticism; marginalization

Introdução

As primeiras atividades jornalísticas exercidas por mulheres no Brasil são datadas do século XIX, com o surgimento de periódicos específicos nos quais publicavam seus escritos, como o *Jornal das Senhoras* (1852) e *O Leque* (1887). Os assuntos abordados nas publicações diziam respeito à moda, ao teatro e a outras questões culturais, mas foi a literatura que deu mais poder à mulher, pois era através da escrita que colocavam suas ideias. O ato de publicar seus escritos, em si, já configurava uma revolução para as mulheres. Isso indicava colocar ideias no papel e disseminá-las, o que levava a uma libertação de amarras da sociedade patriarcal. Foi então que a questão do feminismo e da emancipação feminina começou a florescer no Brasil, abrindo margem para lutas maiores, por direitos iguais.

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. (MUZART. apud, DUARTE, 2003, p. 153).

Neste contexto, encontra-se Gilka da Costa de Melo Machado, uma das maiores poetisas brasileiras do século XX. Nascida em 1893, Gilka é apontada como a primeira mulher a publicar poesias com nuances eróticas no Brasil. Colaboradora de grandes revistas da época, lutou pelas mulheres na literatura e nas ruas. A atitude de escrever anseios femininos em seus poemas transformou Gilka em uma representante feminista, saindo do papel para a atividade política. Apesar de terem um caráter um tanto inocentes para os dias atuais, os trabalhos da autora geraram muitas críticas ruins. Quais são as características da escrita de Gilka Machado que fizeram com que muitos apontassem ela como subversiva em sua época de atuação? Sobre quais pontos da literatura de Gilka a crítica literária da época se debruçou e como tratou o novo contexto no qual a poetisa colocou as mulheres? Como a crítica maldosa influenciou no esquecimento – por anos- de uma figura tão importante?

Nos dias atuais, o feminismo vem ganhando cada vez mais espaço e colocando a mulher nas discussões sociais. O movimento busca incentivar a sociedade feminina a lutar pelos seus direitos, não mais em um grau de igualdade, mas sim de equidade. Um dos artifícios usados para que a mensagem do movimento chegue às mulheres é a arte. A literatura, sendo uma manifestação artística que chama atenção, é uma das vertentes da arte mais utilizadas. Porém, são poetisas um pouco mais atuais que se destacam nesse âmbito, como Ana Cristina César e Hilda Hilst. A linguagem de ambas é mais contemporânea, aproximando-se mais do público atual. Já Gilka Machado, apesar de ter feito parte de movimentos pró-mulher em sua época (a luta pelo sufrágio feminino e a criação Partido Republicano Feminino) e apesar do seu pioneirismo literário de liberdade da mulher, enfrenta certo esquecimento.

Pode-se dizer que o esquecimento de Gilka no contexto político e literário se deve à falta de documentação de suas contribuições de uma forma mais histórica. Diferentemente de Pagu, por exemplo, que teve sua produção na mesma época que Gilka e continua tendo sua história bastante explorada. O pouco que se tem sobre a poeta nessa posição histórica é de difícil acesso e pouco aprofundamento. Sabe-se que, depois de sua morte, a família dificultou muito a produção editorial e acadêmica sobre ela. Segundo Luiza Lobo (1997), professora da UFRJ e realizadora de diversos trabalhos sobre Gilka, a filha Eros – detentora de direitos autorais – queria manter uma imagem idealizada da mãe e não deixava que dissecassem essa imagem. Tal fato deve-se à família não gostar de falar sobre a erotização dos poemas de Gilka e sua característica revolucionária para a época. Podemos apontar que esse resguardo da família ocorre por causa das manifestações adversas da crítica a sua obra, muitas vezes pesadas. Júlio César Tavares Dias (2011) cita três motivos pelos quais crê que ela fora esquecida na literatura, apesar de ter sido apontada como “a maior poetisa do Brasil” em 1933. Dentre os motivos apontados pelo pesquisador está a reação da crítica literária da época, que majoritariamente não foi favorável à Gilka. Essas críticas são o objeto de investigação desse artigo, levantando a hipótese de que foi o fator crucial para a marginalização da autora.

Por ser mulher e escrever uma poesia dotada de sensualidade, Gilka teve que enfrentar o machismo da crítica, que aflorou um pré-julgamento por parte dos leitores, influenciando as opiniões sobre sua obra e, principalmente, sobre sua pessoa. De acordo com Humberto de Campos (1945), os críticos atrozistas não consideravam o conteúdo libidinoso dos versos de Gilka resultado de sua imaginação, mas sim de uma suposta vida obscena que a poetisa levava. Encontra-se em seu livro *Poesias Completas* um depoimento da própria sobre isso:

Estreei nas letras vencendo um concurso literário num jornal, A Imprensa, dirigido por José do Patrocínio Filho. Logo depois, um crítico famoso escrevia que aqueles poemas deveriam ter sido elaborados por uma matrona imoral (...). Aquela primeira crítica surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos (MACHADO, 1978, p. IX).

Sabe-se que uma crítica pode ser construtiva ou destrutiva. No depoimento de Gilka, fica claro que as críticas opressivas tiveram ambos os papéis em sua vida. Porém, se tratando da lacuna que ficou sobre sua obra e figura com o passar dos anos, o papel destrutivo da crítica foi, infelizmente, mais efetivo. A crítica é uma forma de jornalismo opinativo, portanto tem uma influência muito grande sobre os leitores que alcança, tendo em vista o caráter de credibilidade atribuído ao jornalismo. Diante de uma sociedade historicamente patriarcal, era claro que as críticas a uma mulher que ousara escrever sobre desejos femininos em sua poesia revelariam esse caráter machista.

Pretende-se analisar, neste artigo, o conteúdo das críticas dirigidas à poeta, para descobrir até que ponto esses textos influenciaram na marginalização dela, fazendo uma figura tão importante para a história e literatura ser esquecida. A conversa com a família também foi essencial, para esclarecer como as críticas pesadas influenciaram na proteção exagerada da obra da autora, que culminou na não publicação de novas edições de seus escritos. Sendo Gilka uma figura relevante para a cultura e política brasileira, é indispensável o resgate de sua história e obra.

Referencial teórico

1. O erotismo em Gilka Machado

Várias escritoras e jornalistas já faziam um trabalho literário de cunho feminista antes de Gilka, mas nenhuma ainda havia ousado revirar questões carnavais. Foi em 1915, com o lançamento do livro *Cristais Partidos*, que Gilka começou a ser perseguida pela crítica da época, pelo teor de seus escritos. Com o falecimento de Eros Volúcia - filha de Gilka e detentora dos direitos da autora -, a obra de Gilka vem sendo trazida de volta aos poucos através de trabalhos acadêmicos e livros, porém ainda há certa dificuldade em expandir esse conhecimento. Segundo Schumacher e Brazil (2000), isso se deve ao fato de críticos mais jovens conseguirem identificar a relevância da proposta de sua escrita, que se diferenciou por falar de anseios e instintos.

Caminhando à frente de suas contemporâneas, Gilka foi a primeira mulher a carregar o erotismo em seus escritos na literatura brasileira. A carioca começou a cantar o amor de forma que nenhuma mulher jamais ousara fazer antes: colocando-se como aquela que sente o prazer sexual e os desejos carnavais. A mulher, em Gilka, não é mais o objeto de prazer, é a receptora.

Com carícias brutais e com carícias mansas,
cuido que tu me vens, julgo-me toda tua...
— sou árvore a oscilar, meus cabelos são franças...

E não podes saber do meu gozo violento,
quando me fico, assim, neste ermo, toda nua,
completamente exposta a Volúcia do Vento!
(MACHADO, 1978, p. 93)

As duas estrofes acima foram publicadas pela primeira vez no livro *Estado de Alma*, de 1916. Gilka deixa explícito ao que veio, disposta a quebrar o padrão e colocar a mulher de forma ativa no sexo. A segunda estrofe do trecho remonta a ideia de masturbação, por exemplo, colocando a mulher como aquela que controla o seu próprio prazer. Foucault (1988) aponta como a sexualidade foi motivo de controle e punição, principalmente para os grupos privados de poder, no qual as mulheres estão incluídas. Ao citar a nudez e o gozo, Gilka coloca dois pontos de autonomia sobre o corpo feminino, mostrando sua intenção de dar o

poder de ação à mulher e consolidando-se, de forma indireta, como poeta feminista. Não à toa, deu o nome de Mulher Nua a seu livro lançado em 1922, no qual faz diversas alusões ao movimento do erotismo: o da serpente. Em “Comigo Mesma”, poema que abre o livro, ela menciona “corpo de serpente” e em Pelo Inverno utiliza o advérbio “serpentinamente”, quase não usado na língua portuguesa. No hinduísmo, a serpente tem um papel extremamente representativo no que diz respeito à sexualidade.

2. Críticas sobre Gilka

O pioneirismo de Gilka em relação ao erotismo na poesia brasileira feita por mulheres lhe rendeu uma enxurrada de críticas desgostosas. O crítico Afrânio Peixoto foi o primeiro a classificar o trabalho da autora negativamente, taxando-a de “matrona imoral”, alcunha que a seguiu pelo o resto da vida.

Júlio César Tavares (2013) sugere que muito do que a crítica utilizava para condenar Gilka era fruto de má interpretação de seus poemas, feita de modo consciente. O pesquisador cita Nádia Batella Gotlib e seu artigo “Com Dona Gilka Machado, Eros pede a palavra (Poesia erótica feminina brasileira nos inícios do século XX)”, no qual há referência a uma charge veiculada em jornal carioca, na qual está retratada uma mulher de saia levantada e versos cortados de Gilka, que sugerem uma interpretação errônea sobre o que eles realmente dizem.

O olhar crítico da sociedade pré-determinava a conveniência ou não de certos assuntos, tendo, por isso, uma importância relevante no que concerne à produção literária da mulher. O fator social importa, na medida em que prepara a esfera de atuação da crítica literária, na época totalmente edificada sob um olhar preconceituoso e condescendente em relação à literatura feminina, influenciando no imaginário da escritora, cerceando, policiando. (PAIXÃO, 1990, p. 50)

O crítico Humberto de Campos elencou algumas críticas sobre Gilka em seu Diário Secreto. Nele há referência a um comentário do também crítico Lindolfo Gomes, no qual acusa Gilka de ser a responsável por fazer com que as garotas da sociedade carioca se perdessem com “seus versos cheios de sensualidade animal” (CAMPOS, 1954, p. 63). Lindolfo também coloca em questão a hipótese levantada na época de que Gilka trazia nas veias o gene da perversão. Luiza Lobo (2006) reforça essa ideia do determinismo, além de apontar o racismo sofrido por Gilka, por ser “mulata”:

Alguns críticos da época recorreram ao determinismo racial e de Taine, e culpavam o avô violonista, ou o pai boêmio e poeta, pela “devassidão” de Gilka. Seu nome foi inspirado na marca de uma bebida alcoólica russa e alemã, à base de anis. (LOBO, 2006, p. 126)

Gilka andava sempre com uma camada espessa de pó de arroz na pele, é o que relata o escritor Pedro Nava (2000). Provavelmente a maquiagem exagerada era parte de um processo de embranquecimento muito comum no século XX, fazendo com que ela mesma reproduzisse o racismo sofrido pois

diferenças de tipos físicos passaram a ser utilizadas para classificar seres humanos. Nasceu assim a fórmula básica do racismo: portadores de pele escura, os negros e os não europeus, considerados raça inferior. Portadores de pele alva, os brancos, raça superior. (OLIVEIRA, 2009, p. 2)

Essa relação com o racismo pode ser vista, também, em comentário feito por Afrânio Peixoto a Humberto de Campos, no qual ele se mostra indignado ao perceber que Gilka não era a mulher branca e elegante que aparecia nas fotografias em jornais:

Conta-me Afrânio Peixoto:

- Você não imagina a tristeza que eu senti outro dia. Eu havia recebido de Gilka Machado pedido de um enxerto de obra minha, ou um trecho inédito, para uma antologia que ela estava organizando. E davam-me o endereço. Como era aqui perto da Câmara, na Rua da Misericórdia, e eu tivesse a carta no bolso, resolvi entregar pessoalmente, isto é, a um criado, a pessoa que me aparecesse. Subi uma escadinha suja e escura e dei, no segundo andar, com uma porta fechando um corredor escuro. Bati e apareceu-me uma mulatinha escura, de chinelos, num vestido caseiro. Perguntei se era ali que morava D. Gilka Machado.

- Sim, senhor; sou eu mesma - respondeu-me a mulatinha. O doutor faça o favor de entrar...

Afrânio continua:

- Não entrei. Entreguei a carta, desculpando-me e sai... Mas "seu" Humberto, que tristeza! Eu não conhecia a Gilka, senão de retrato: moça branca, vistosa... E fiquei penalizado de vê-la naquela alfurja, onde tudo respirava pobreza e quase miséria. (CAMPOS, Humberto de. *Diário Secreto*, Vol.II, 1954, p.50).

Embora o comentário de Afrânio demonstre piedade em relação à figura de Gilka Machado, a situação simples da autora era motivo de chacota entre aqueles que a maldiziam. Muitos zombavam de sua condição social e da carência de sua educação.

A crítica é um gênero opinativo que busca persuadir o leitor com as impressões daqueles que a escrevem. Assim, ela é sempre carregada de juízo de valor. O homem está acostumado a avaliar e julgar tudo, por isso

cabe lembrar que a crítica é tão inevitável quanto o ato de respirar, e que não estaríamos em piores condições pelo fato de articularmos o que se engendra em nossas mentes quando lemos um livro e ele nos emociona, por criticarmos as nossas próprias mentes em sua tarefa de criticar (ELIOT, 1989, p. 38)

Segundo T. S. Eliot (1989), a crítica está sempre ligada à teoria literária de seu tempo. Assim, não é de se espantar que, no caso de Gilka, a crítica tenha sido extremamente conservadora a ponto de tratá-la com tanta agressividade, baseando-se na moral da época. Da mesma forma que todo gênero jornalístico, a crítica tem um público alvo específico. Tratando-se do início do século XX, no Brasil, o público pode ser visto como pessoas extremamente tradicionais. Afinal, a escravidão tinha acabado de ser abolida e os princípios morais e éticos eram (e ainda é muito) baseados em valores cristãos, sendo o comportamento da sociedade um subproduto da história humana. A crítica contra Gilka fez com que os livros

fossem esgotados, mas não pela sua qualidade literária e sim porque todos viam seu trabalho como algo proibido e isso gerava curiosidade. Segundo ela mesma, em entrevista a Nádya Gotlib (1995), o que as pessoas queriam era “conhecer o livro imoral”.

3. A crítica contra a crítica

Muitos críticos a favor do trabalho de Gilka saíram em defesa da autora, embora fossem minoria. Dessa forma, ao invés de criticarem seus escritos, criticavam o que outras críticas diziam sobre seus escritos. Fernando Py, no prefácio de *Poesias Completas* (1978, p. XXI) sintetiza esse acontecimento:

Marcada pelo escândalo de sua ousadia, sofreu a incompreensão daqueles que só liam retoricamente os seus versos, julgando-a devassa ou libertina quando quisera apenas reformular umas quantas idéias aceitas sem discussão pela maioria, e explorar, dentro dos limites de sua poesia, as sensações ligadas à sensualidade e ao erotismo, em que aliás foi pioneira. Esse pioneirismo, contudo, foi-lhe bastante funesto. Seu nome desapareceu dos manuais de história literária, ou, quando mencionado, o vem de maneira “condescendente”, perfuntória, em duas ou três linhas inexpressivas, quase sempre atado à cauda dos “grandes”. Há exceções, evidente. Mas é muito pouco.

Humberto de Campos também dissertou sobre isso:

Ao ler-lhe as rimas cheirando a pecado, toda a gente supôs que estas subiam dos subterrâneos escuros de um temperamento, quando elas, na realidade, provinham do alto, de uma bizarra imaginação. Sátiros que andavam soltos acenderam subitamente as narinas, aspirando o ar, com os dentes à mostra. Ignoravam eles, na sua materialidade, que há um vale profundo entre o pensamento e o sentimento, e que o reflexo do temperamento é este, e não aquele (CAMPOS, Humberto de, 1945, p. 400)

O crítico José Veríssimo escreveu, em 1907, sobre a relação do machismo no ambiente literário. O texto de Veríssimo corrobora com a ideia da “fala-a-menos”, que Sylvia Paixão aborda em seu livro de mesmo nome. O crítico aponta o fato das mulheres terem temas pré-estabelecidos para trabalhar a poesia, os quais não incluíam a sexualidade, pois isso não daria a elas o título de “senhoras”:

O mundo não toleraria que uma mulher, mesmo uma grande poeta, lhe viesse para a rua como faz o homem, ainda maduro e grave, desembargador, conselheiro, pai de família, com as confissões, as declarações dos seus amores, as confidências das suas paixões, das suas alegrias ou dos seus desgostos sentimentais, e, à compita com eles, se pusesse a cantar os Anelios, os Marinas, ou os Márcios, como eles tão despejadamente, e sem escândalo público fazem. A que o fizesse, resvalaria na opinião do mundo às condições das que se não chamam senhoras. Só esta situação da mulher poeta lhe estabelece uma manifesta inferioridade, e como as doçuras do lar e os encantos dos maridos não têm, parece, nada de especialmente estético, ela bastaria para explicar a forçada mediocridade da poesia feminina. (VERÍSSIMO, 1907, p. 170)

Não ser considerada uma “senhora” na época significava, basicamente, ser devassa. Se a mulher, no começo do século XX, não fosse uma senhora, ela era uma pervertida. A “fala-a-menos” que Sylvia Paixão (1991) se refere é justamente o fato das mulheres precisarem se policiar naquilo que escreviam – e também na forma de se portar perante à sociedade -, para manter uma imagem de “mulher de família”, caso contrário, seriam vistas de forma repulsiva e tratadas de forma opressiva. Gilka, sendo a primeira a ter quebrado a regra da “fala-a-menos” a qual as mulheres eram impostas perdeu, para alguns críticos e leitores, o seu título de “senhora” e fora tratada como “devassa”. Para os que a defendiam, como Osório Duque Estrada, essas atitudes eram consideradas “inveja”:

No Rio de Janeiro, a par de grande admiração, o nome glorioso de Gilka Machado tem igualmente despertado o rancor e o despeito dos seus pequeninos, venenosos e malevolentes rivais. É odiada e invejada por alguns, que não se pejam de afrontá-la covardemente com as mais repugnantes e mais nojentas “maldades” (ESTRADA apud FERREIRA-PINTO, 1998, s/p)

Mesmo com a intervenção de outros críticos, essencialmente homens, no que acontecia, nada foi o suficiente para evitar que Gilka fosse detratada.

4. Gilka rebate a crítica

Embora o silêncio sobre Gilka mostre que a autora foi, de certa forma, vencida pela censura imposta por aqueles que se colocavam contra sua obra, a poeta não se calou. Alguns de seus trabalhos trazem marcas da luta dela contra os maldizeres. O poema Comigo Mesma, do livro Mulher Nua, ilustra bem como a autora se colocava diante disso, como mostra a última estrofe:

Que importa a injúria hostil de quem te não compreenda?
Dança, porém, não como a Salomé da lenda,
a lírica assassina:
dança de um modo vivificador;
dança de todo nua,
mas que seja a nudez da dança tua
a imortalização do teu Amor!
(MACHADO, 1978, p. 121)

No trecho, fica clara a intenção de Gilka ao denunciar que sofria injúria daqueles que não tentavam compreender seu trabalho. A autora, porém, avisa que, apesar de tudo, continuará a sua “dança”, que pode ser interpretada como “a sua escrita” e, assim, se manterá viva.

O poema Conjecturando, dedicado a um de seus grandes incentivadores, o crítico Osório Duque Estrada, é uma ode na qual ela denuncia o que sofria, desabafando sobre desistir de lutar. “Convenci-me/agora, de que o gozo é um crime” é como ela inicia uma das

estrofes do poema, no qual ela fala sobre depor armas e se entregar à morte para não mais precisar lutar.

Antes de desistir de lutar, Gilka dialogou muito “na intimidade de seus versos com seus detratores” (DAL FARRA, 2015, p. 120), tentando reverter a situação de degradação na qual eles a colocavam. Os diálogos não foram o suficiente e Gilka “suicidou-se em vida” (DAL FARRA, 2015, p. 120) para não ter que se submeter mais a tais reprovações.

Não só em seus poemas isso foi colocado. As notas autobiográficas presentes na primeira edição de seu livro *Poesias Completas*, o qual ela mesma fez questão de organizar, trazem um desabafo da autora. Com tantas críticas ruins, acabou por ser mal vista por onde passava:

(...) um crítico famoso escrevia que aqueles poemas deveriam ter sido laborados por um a matrona imoral. Quase criança, comunicativa, indiscreta e falaz, saindo de mim mesma, contando meus prazeres e tristezas, expondo os meus defeitos e qualidades, eu pensava apenas em dar novas expressões à poesia. Aquela primeira crítica (por que negar) surpreendeu-me, machucou-me e manchou o meu destino. Em compensação, imunizou-me contra a malícia dos adjetivos. (MACHADO, 1978, IX)

Em crônica publicada no jornal *Gazeta de Notícias* (1923), Gilka brincou com um diálogo entre um homem moralista, que se dizia contra a nudez da mulher, e uma mulher que defendia a nudez. Enquanto o homem criticava a postura da moça, ela rebatia sempre contra o moralismo, colocando a mulher não como um objeto sexual apenas pela nudez (como defendido pelo seu interlocutor), mas como um ser provido de intelectualidade e sentimentos assim como qualquer outro. Ao ser censurada pelo homem, o qual diz que a mulher só será amada se for recatada, a mulher responde que se sente “impotente para a aquisição de tal amor”, negando a condição que lhe é imposta.

A crítica é um gênero opinativo que busca persuadir o leitor com as impressões daqueles que a escrevem. Assim, ela é sempre carregada de juízo de valor. O homem está acostumado a avaliar e julgar tudo, por isso

cabe lembrar que a crítica é tão inevitável quanto o ato de respirar, e que não estaríamos em piores condições pelo fato de articularmos o que se engendra em nossas mentes quando lemos um livro e ele nos emociona, por criticarmos as nossas próprias mentes em sua tarefa de criticar (ELIOT, 1989, p. 38)

Segundo T. S. Eliot (1989), a crítica está sempre ligada à teoria literária de seu tempo. Assim, não é de se espantar que, no caso de Gilka, a crítica tenha sido extremamente conservadora a ponto de tratá-la com tanta agressividade, baseando-se na moral da época. Da mesma forma que todo gênero jornalístico, a crítica tem um público alvo específico. Tratando-se do início do século XX, no Brasil, o público pode ser visto como pessoas extremamente tradicionais. Afinal, a escravidão tinha acabado de ser abolida e os princípios

morais e éticos eram (e ainda é muito) baseados em valores cristãos, sendo o comportamento da sociedade um subproduto da história humana. A crítica contra Gilka fez com que os livros fossem esgotados, mas não pela sua qualidade literária e sim porque todos viam seu trabalho como algo proibido e isso gerava curiosidade. Segundo ela mesma, em entrevista a Nádia Gotlib (1995), o que as pessoas queriam era “conhecer o livro imoral”.

Metodologia

O trabalho foi construído com base em pesquisas bibliográficas, entrevistas e análises de textos. A pesquisa bibliográfica contemplou trabalhos acadêmicos e livros relacionados a Gilka Machado e à crítica literária. Além disso, foram feitas entrevistas com o neto de Gilka Machado, Amaury Menezes (falecido em agosto de 2015), e com importantes pesquisadores de Gilka e literatura brasileira, como Heloisa Buarque de Hollanda, Fernando Py e Luiza Lobo.

A bibliografia foi usada para sustentar os argumentos de que a crítica literária foi responsável crucial pela marginalização da autora e foi levantada a partir da esfera “Gilka versus crítica” e as questões que a envolve, como o racismo e o machismo. Foram feitas entrevistas apenas para esclarecimento de dúvidas e levantamento de curiosidades. Alguns poemas da autora foram analisados para evidenciar o seu pioneirismo na literatura erótica brasileira, sendo mulher, e também para mostrar alguns elementos que levaram a crítica a taxa-la como imprópria. A análise das críticas se constrói na premissa de mostrar os elementos ultrajantes, machistas e racistas, dirigidos à autora.

Resultados e discussão

O século XX foi extremamente importante para as mulheres, pois foi nele que o movimento feminista começou a ganhar maiores dimensões e o espaço da mulher deixou de ser o privado e passou a ser o público. Para uma sociedade acostumada com o contrário, foi inevitável que essa ideia tenha sido rejeitada pela grande maioria.

Gilka Machado foi figura importante para a conquista do espaço da mulher em dois âmbitos das ideias: a literatura e a política. Talvez por isso o nível da agressividade daqueles que se opunham a ela tenha sido alto. Afinal, Gilka rompeu com os valores morais machistas e cristãos que a sociedade estava enclausurada. Apesar disso, não se deixou intimidar e continuou a escrever seus poemas. A autora chegou, inclusive, a recusar ofertas de críticas positivas, como quando disse “não” a Olavo Bilac, quando este se ofereceu para escrever o prefácio de seu primeiro livro.

Ele [Olavo Bilac] quis fazer o prefácio de meu primeiro livro. E eu recusei. Ele me disse:
- Por que você recusa?
- Recuso porque eu quero aparecer sem defesa, sem escudo. E com um prefácio seu, todo mundo já está me achando ótima.
(*apud* GOTLIB, 1995, p. 29)

Com o tempo, a imunidade contra as críticas foi se desgastando e se perdendo. Segundo Dal Farra (2015), o prêmio Machado de Assis, concedido à autora pela Academia Brasileira de Letras, em 1979, coroava “um silêncio, uma desistência”, pois, após ser muito humilhada, Gilka desistiu de debater. Sua recusa a ser imortalizada pela mesma Academia Brasileira de Letras também se deve a isso, marginalizando-se ainda mais ao não aceitar ser colocada entre os “cânonos”.

No prefácio da primeira edição de *Poesias Completas* (1978), o crítico Fernando Py já salientava o quanto o pioneirismo de Gilka no erotismo lhe custou o nome, que “desapareceu dos manuais de história literária, ou, quando mencionado, o vem de maneira condescendente”.

Foi Gilka quem escolheu assim. Não levou a poesia como ofício, mesmo sendo considerada “a maior poetisa do Brasil”, pela revista *O Malho*, em 1933.

Em entrevista concedida para este artigo, Amaury Menezes, neto de Gilka – filho de Helio -, discorreu sobre o assunto, contando que as críticas realmente despertaram tristeza em Gilka, o suficiente para que ela não quisesse mais ver sua vida exposta. A poeta preferiu o anonimato e teve que buscar formas de sustentar os dois filhos, pois o marido, Rodolfo, morreria cedo:

GM passou a ter grandes dificuldades financeiras e precisou sustentar os dois filhos com um salário de diarista na Estrada de Ferro Central do Brasil, emprego conseguido com o auxílio do compadre Pereira da Silva. Foi também com sua ajuda que a poeta abriu uma pensão em casa, onde cozinhou, complementando o salário. (LOBO, 2006, p. 126)

Nas notas autobiográficas do livro de 1978, o apontamento de Amaury se confirma quando Gilka escreve que amou tanto a todos e a tudo, que não sobrou amor para ela mesma. Esse rancor que a poeta criou consigo fez com que a filha, Eros, também não desejasse resgatar sua história quando fora detentora dos direitos autorais. Já Amaury, que hoje é dono dos direitos, tem interesse na republicação de sua obra, sabendo da importância da figura da avó para a história política e a história literária brasileira. Além disso, o neto reconhece em Gilka uma figura guerreira e inspiradora, já que foi criado por ela.

A pesquisa mostra o quanto a mulher foi colocada como submissa ao longo dos anos, sujeitando-se a situações nas quais tornou-se impotente ao lutar contra as regras patriarcais as quais lhes eram impostas. Por isso, é preciso que as mulheres se coloquem como pessoas ativas no processo de busca de espaço, como Gilka fez, abrindo caminho para que outras mulheres tão admiradas na literatura brasileira pudessem escrever seus desejos sem que fossem censuradas.

Além disso, vale ressaltar que, além de mulher, Gilka era negra, o que deu munição para que a crítica colocasse ela cada vez mais como uma pessoa inferior. Nesse processo, Gilka se entregou ao branqueamento estético, através de maquiagens, mostrando como a autora tentou se encaixar aos padrões para que não fosse mais humilhada. Consolidam-se, assim, situações de sexismo e racismo encaradas pela poeta.

O racismo e o sexismo, naturalizados na sociedade (principalmente na época na qual Gilka figurou), não foram combatidos pelo público-alvo das críticas que ela sofrera, mas sim absorvidos e reforçados. Assim, o trabalho e a pessoa de Gilka Machado foram jogados nos porões da História. Dessa forma, trabalhar o resgate dessas pessoas é importante para que a memória da resistência brasileira seja preservada e as pessoas que sofreram com opressões sejam tidas como representativas.

A vida da autora é uma boa base para se trabalhar a questão dos rompimentos de permanências com o passar dos anos e as mudanças que ocorrem em sociedades. No caso da sociedade brasileira, as mudanças foram bem expressivas nas duas áreas verificadas: dando liberdade à mulher na escrita e cada vez mais participação em questões do poder. A liberdade sexual e a cooperação na vida pública são apenas alguns pontos alcançados pelo movimento feminista, que ainda persiste na luta por mais quebras de permanências.

O rompimento dos privilégios masculinos é trabalhoso em uma sociedade que se desenvolveu em cima de um tapete patriarcal. São as permanências que conservam o preconceito e a desigualdade. Por isso, observar permanências é importante para que elas sejam problematizadas e desmanteladas, seja no campo da mulher ou em qualquer âmbito no qual haja opressão. O mesmo pode-se dizer sobre o racismo, pois é uma permanência na sociedade que tem sido discutida com leis e ações afirmativas, mas que ainda possui uma presença muito forte em nossa sociedade.

Considerações finais

O processo de pesquisa pretendia colocar em discussão a forma que opiniões críticas na mídia podem influenciar no caminho de uma pessoa. Ao levantar informações e discuti-las, chegou-se à conclusão de que o papel da crítica literária é qualificar ou desqualificar uma obra de acordo com os valores de quem escreve a crítica. No caso de Gilka Machado, os valores dos críticos de sua época fizeram com que ela fosse marginalizada e jogada nos porões da História. A moral de alguns acabou sobrepondo a importância de uma das figuras mais importantes da história brasileira, tanto no ramo político quanto no literário. Os ataques feitos à poeta fizeram com que ela fosse ficando cada vez mais reclusa, embora tenha continuado a escrever.

Embora críticos mais novos tentassem reverter a situação e colocar Gilka em sua posição de importância, os mais velhos e conservadores insistiram na teoria de que uma mulher que escrevia os versos que ela escrevia só poderia ser uma devassa. Apesar de serem rebatidos sobre a índole pessoal de Gilka, não abriram mão de tentar apaga-la com suas injúrias. A atividade de crítica na grande mídia era exercida apenas por homens na época na qual a autora começou a ganhar espaço. Por isso, é compreensível, mas não aceitável, que as reações aos seus escritos fossem desagradáveis.

Percebe-se que, embora existissem algumas críticas que diminuíssem sua qualidade como literária, a maioria do que era dito para desqualificá-la fazia referência a ela como pessoa, não como escritora. A crítica deixou de ser literária e passou a ser uma crítica pessoal, menosprezando e humilhando a mulher Gilka Machado. Consta que muitos tentavam alertar que, embora escrevesse uma poesia voltada ao erotismo, Gilka era uma mulher recatada, boa mãe e trabalhadora. Isso não foi o bastante para convencer o grande grupo conservador de críticos a deixar de difamá-la. Usavam de sua condição social, sua cor e seu gênero para rebaixa-la.

A imprensa tem um papel crucial em cunhar a imagem de uma figura pública. No caso de Gilka, não foi diferente e acabou se tornando algo muito problemático: o suficiente para que ela, como dito por Maria Lucia Dal Farra (2015), se suicidasse em vida e, conseqüentemente, fosse apagada da história da literatura brasileira.

Referências

CAMPOS, Humberto de. *Crítica*. 2 ed. Rio de Janeiro: WM. Jackson, 1945.

_____. *Diário Secreto*. vol. 2, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954.

DIAS, Julio César Tavares. *Erotismo de Gilka Machado: marco da liberação da mulher na literatura*. Anais Eletrônicos do V Colóquio de História da UNICAP. Luiz C. L. Marques (Org.). Recife, 16 a 18 de nov. 2011. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.369-382.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

DAL FARRA, Maria Lucia. *Gilka, a Maldita*. Teresa, Revista de Literatura Brasileira, n. 15. São Paulo: USP. Disponível em <http://revistateresa.fflch.usp.br/sites/revistateresa.fflch.usp.br/files/u76/Teresa15_inteira.pdf> . Acesso em: 7 ago. 2016

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos avançados. São Paulo: Universidade de São Paulo. vol.17, n.49, Setembro-Dezembro, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acesso em: 06. ago 2016.

ELIOT, T. S. *A tradição e o talento individual*. In: Ensaios. Tradução Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989

FERREIRA-PINTO, Cristina. *A mulher e o cânon poético brasileiro: uma releitura de Gilka Machado*. Revista Interamericana de Bibliografia. Washington, DC: Organização dos Estados Americanos. n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.educoas.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-1/articulo6/articulo.aspx?culture=pt>. Acesso em 5 ago. 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I, A vontade de saber*. Tradução de. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOTLIB, Nadia Batella. *Com dona Gilka Machado, Eros pede palavra*. Polímica Revista de Crítica e Criação, São Paulo, 1982.

_____. *Gilka Machado: a mulher e a poesia*. In: V Seminário Nacional Mulher e Literatura, 1995. V Seminário Nacional Mulher e Literatura. Natal : Editora da UFRN.

LOBO, Luiza. *A literatura de autoria feminina na América Latina*. Revista Brasil de Literatura. Rio de Janeiro, Ano I, Julho-Setembro, 1997. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

_____. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

MACHADO, Gilka. *Poesias Completas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

OLIVEIRA, Idalina Maria do Amaral. *A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira*. Santo Antonio do Paraíso: Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008 (Dissertação do pós graduação).. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf> Acesso em: 06 ago. 2016

PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos*. Rio de Janeiro: Numen, 1991.

_____. *O Olhar Condescendente (Crítica literária e literatura feminina no século XIX e início do século XX)*. Travessia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. n. 21, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17201/15775>>. Acesso em: 7 ago. 2016.

PY, Fernando. Prefácio. In: MACHADO, Gilka. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

SCHUMAHER, Maria Aparecida (Schuma); BRAZIL, Erico Teixeira Vital. *Dicionário mulheres do Brasil - De 1500 até a atualidade. Biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Contato: jamylerkain@gmail.com e mirtes.moraes@mackenzie.br